

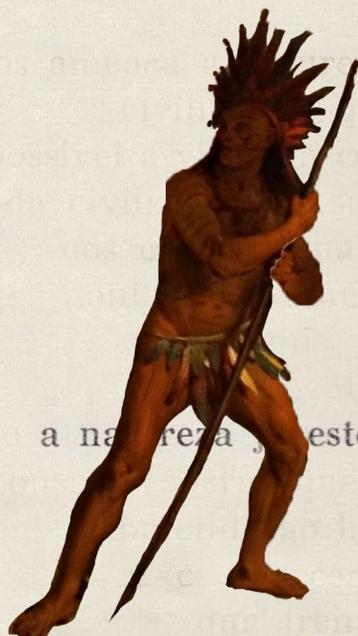
filho amado, o povo escolhido. Muito tempo depois, a piedosa América exalta-se na pretensão de ser "*God's own country*", o que condiz com uma das formas pelas quais o homem venera a divindade.

As representações religiosas, aqui expostas em conjunto, sofreram, naturalmente, longa evolução e se ligaram a fases diversas das diversas civilizações. Escolhi uma fase única dêsse desenvolvimento, que corresponde talvez à forma final da nossa civilização branca e cristã. É fácil notar que nem tôdas as partes dêsse todo se correspondem igualmente; que nem tôdas as questões urgentes podem ser respondidas; que a contradita da experiência atual só dificilmente pode ser posta de parte. Mas, tais como são elas, essas representações — religiosas, no sentido mais lato — são consideradas como o mais precioso bem da civilização, o mais valioso que ela pode oferecer aos seus partícipes; e são tidas em mais alta conta do que tôdas as artes de arrancar à terra os seus tesouros, de prover a humanidade com a subsistência ou de dominar as doenças etc. Os homens dizem não poder suportar a vida, se não tiverem a essas representações o valor que elas exigem. Agora é o momento de perguntar que são essas representações, à luz da psicologia, de onde vêm e de que maneira essa alta consideração e — pergunta que se faz timidamente — qual o seu verdadeiro valor.



Uma pesquisa que continua, imperturbada, como um monólogo, não é de todo sem perigos. Cede-se facilmente à tentação de pôr de lado idéias que houveram de interrompê-la e ganha-se, em troca, um sentimento de insegurança que ressalta, por fim, como desmedida indecisão. Figuro, por isso, estar diante de um contraditor que acompanhe com desconfiança

minada; a natureza esteja do-



bidas ou por superabundância de força impulsiva venha a ficar sempre associada; mas quando se tenha chegado ao estado em que a atual maioria hostil à civilização seja reduzida a uma minoria, ter-se-á conseguido muito, talvez tudo quanto seja possível conseguir.

Eu não quisera suscitar a impressão de me haver transido para longe do caudinho previamente traçado por minhas pesquisas. Devo, por isso, asseverar expressamente que está longe de mim decidir da grande expansão cultural que se está fazendo presentemente na região da Europa e da Ásia. Nem tenho o conhecimento nem a capacidade de julgar da extensão do plano, meter à prova a adequação dos meios ou medir a inevitável lacuna entre o plano e a execução. O que se está ali passando é incompleto, à observação de quem tem o material oferecido pela nossa longamente desenvolvida civilização.

## II

Deslizamos, inopinadamente, do econômico para o psicológico. A princípio, fomos tentados a buscar o acervo da civilização nos dons acessíveis e nas instituições para a sua partilha. Partindo do conhecimento de que toda a civilização repousa sobre a coação no trabalho e sobre a renúncia aos impulsos, e de que daí surge uma inevitável oposição entre os atingidos por essas contingências, tornar-se-ia claro que os dons mesmos, assim como os meios para a sua aquisição e disposição para a sua partilha não podiam ser o essencial nem o único, na civilização. É que eles estão sob a ameaça do levante e do ímpeto de destruição dos partícipes da civilização. Junto aos dons vêm os meios, que podem servir para a defesa da civilização — os meios de coação e outros que podem recon-

Podemo-nos sentir levemente inclinados a atribuir ao acervo psíquico de uma civilização os seus ideais, isto é, os valores que representem as suas atividades mais elevadas e representativas de maior esforço. Parece-nos ainda que êsses ideais houvessem de determinar as atividades de um ciclo cultural; o fato real deve ser, porém, que os ideais se formam segundo as primeiras atividades que se tornaram possíveis pelo efeito combinado dos dotes internos e das relações externas de uma civilização e que essas primeiras atividades só podem ser firmadas pelo ideal e pela continuação da ação. A satisfação permitida pelo ideal aos partícipes de uma civilização é assim de natureza narcísica; repousa sôbre o orgulho pela atividade já bem sucedida. Para ser completa, precisa da comparação com outras civilizações que se hajam lançado em atividades outras e hajam desenvolvido outros ideais. A essas diferenças, irrogou-se cada civilização o direito de menosprezar as demais. Dessa maneira, os conflitos culturais se transformam em motivos para dissemo e hostilidade entre vários círculos de cultura, tal como se vê, muito claramente, entre nações.

A satisfação narcísica baseada no ideal cultural pertence também àquelas fôrças que se antepõem eficientemente à hostilidade contra a civilização, dentro dos círculos culturais. Não somente as classes preferidas, que gozam dos benefícios dessa civilização, mas também os oprimidos podem tomar parte nessa satisfação, por isso que o direito de desprezar os estranhos ao meio cultural lhes compensa o dano sofrido dentro do próprio meio. O indivíduo é, em verdade, um plebeu que é obrigado a pagar impostos e serviços de guerra para as classes dominantes; entantanto, é cidadão romano e tem a sua parte no exercício de dominar outras nações e ditar-lhes as leis. Essa identificação dos oprimidos com as classes que os dominam e exploram é, porém, apenas uma parte de um conjunto maior. Por outro lado, aquêles podem estar ligados afetivamente a estas e,

sepultando os homens e a sua obra,

A civilização



encadeamento de satisfações

um tirano, um ditador



sado,



dogmas religiosos derivam do pas-